



EJA

CANAL SEDUC-PI5



PROFESSOR (A):

**MAC
DOWELL**



DISCIPLINA:

FILOSOFIA



AULA Nº:

01



CONTEÚDO:

**FILOSOFIA NO
CONTEXTO DA
PANDEMIA**



DATA:

06/08/2020

O vírus, como Jacques Derrida nos ensinou, é, por definição, o estrangeiro, o outro, o alienígena.

No final do século XV, Os ingleses chamavam a sífilis de “a doença francesa”, os franceses diziam que era “o mal napolitano” e os napolitanos que vinham da América: diziam ter sido trazido pelos colonizadores que haviam sido infectados pelos indígenas...

O MUNDO PANDÊMICO

Imposição de tornozeleiras eletrônicas a pessoas infectadas, na Austrália Ocidental. Na China, a temperatura corporal dos entregadores de refeições prontas aparece ao mesmo tempo que sua localização geográfica no smartphone dos destinatários. Os policiais chineses também dispõem de óculos de realidade aumentada. Conectados a câmeras térmicas colocadas em seu capacete, eles permitem identificar pessoas com febre na multidão. Por meio de um aplicativo de celular, os poloneses em quarentena devem se autenticar **na polícia** enviando regularmente uma **selfie tirada dentro de casa**. Incapazes no momento de oferecer um tratamento contra o vírus e mal equipados no que se refere a leitos de UTI, testes de triagem e máscaras protetoras, os governos acabam **elegendo a própria população como ameaça – para protegê-la de si mesma**.

Como resume Chen Weiyu, jovem moradora de Xangai, antes do coronavírus “a vigilância já estava em todo lugar”; a epidemia apenas conseguiu torná-la “ainda mais contundente”.

Essa corrida frenética por dados representa, em contrapartida, um benefício para as grandes multinacionais do digital. No fim de março, nos Estados Unidos, o governo Trump iniciou diálogos com o Google, o Facebook e vários de seus concorrentes, a fim de mobilizar seus vastos estoques de dados para a luta contra o vírus. Expostas há vários anos a uma onda crescente de críticas, as pontas de lança do capitalismo de vigilância encontraram na crise uma oportunidade de legitimar seus modelos econômicos tóxicos, ao mesmo tempo que se reposicionavam como parceiros naturais dos Estados na gestão da saúde pública. O Google e a Apple, que gerenciam os sistemas operacionais de quase todos os smartphones em circulação, anunciaram, por exemplo, que trabalharão com as autoridades para desenvolver soluções de rastreamento.

O uso de drones, que está em voga há alguns anos para a vigilância de manifestações, mas que até agora tem sido relativamente limitado, está se espalhando em favor da crise em uma total imprecisão jurídica. Controladas de forma remota e equipadas com alto-falantes e câmeras, **em geral alugadas a um preço alto de empresas privadas**, essas aeronaves zumbidoras transmitem mensagens preventivas ou monitoram ruas e espaços naturais, permitindo que patrulhas em terra prendam os transeuntes infratores. O Ministério do Interior da França aproveitou a situação para lançar em abril uma licitação para a compra de 650 aparelhos.

O trunfo que o Brasil tem para se proteger é o SUS. Como é universal e gratuito, com capilaridade organizacional, cobrindo todo o país, está ajudando muito na detecção dos casos e em seu encaminhamento, aconselhamento das famílias e resgate da coerência de ações na base, em contraste profundo com os bate-bocas do nível político. Depois de tanto dizerem que o SUS é ineficiente, de tirarem R\$ 20 bilhões de seu orçamento em 2019 e de entupirem as televisões de propaganda dos planos privados de saúde, a ordem agora se inverteu. Ver numa conferência de imprensa um temporariamente ministro da Saúde e sua equipe técnica vestidos todos com colete do SUS, isso que estavam atacando na véspera, dá bem a ideia do que é mais importante no momento em que a ameaça chega em grande escala. A RESPOSTA EFICAZ AO CORONAVÍRUS COLOCA EM CHEQUE O PRÓPRIO CAPITALISMO?

É preciso lembrar que já antes do isolamento as empresas no Brasil estavam trabalhando a menos de 70% da capacidade, fruto do dreno da renda da massa da população em proveito das elites.

O desemprego tinha subido de cerca de 5% na fase distributiva de Lula-Dilma para mais de 12% depois que os banqueiros assumiram. Mas o drama é muito maior: além dos 13 milhões de desempregados, temos 40 milhões de pessoas no setor informal, onde a renda em média é a metade do que assegura o emprego formal. Somando o desemprego e a informalidade, são 53 milhões de pessoas em situações precárias, para uma força de trabalho de 105 milhões, praticamente a metade. O Brasil já sofre há tempos de uma imensa subutilização de sua força de trabalho, e, para as dezenas de milhões de pessoas que literalmente “se viram” para sobreviver, quando se acrescenta o choque econômico do vírus, a situação fica dramática.

O pacote de R\$ 1,2 trilhão que o governo apresenta é profundamente desequilibrado. Para cerca de 50 milhões de pessoas que deverão receber R\$ 600 durante três meses, é sem dúvida positivo, mas isso representa apenas uma parte daqueles que necessitam de ajuda. Trata-se, na proposta, de cerca de R\$ 100 bilhões, menos de 10% do pacote. É ridículo diante do montante geral. Grande parte do restante não é dinheiro aportado pelo governo, e sim suspensão de pagamento de taxas, tributos e outras contribuições que as empresas não teriam como honrar. Causa maior preocupação o fato de a massa de dinheiro ser repassada para os bancos, com a esperança de que eles, por sua vez, repassem para as empresas e as famílias. É dinheiro público, em grande parte transferido para bancos por meio da compra dos chamados “títulos podres”, papéis como dívidas de difícil recuperação que passarão para as mãos do governo, enquanto o dinheiro ficará com os bancos. Magicamente, o dinheiro aqui passa a se chamar “liquidez”, e a capacidade de controle de seu uso é muito baixa. São nossos impostos.

Toda biopolítica é imunológica: supõe uma definição de comunidade e aqueles que a comunidade considera potencialmente perigosos (os demuni) e que serão excluídos em um ato de proteção imunológica. Esse é o paradoxo da biopolítica: todo ato de proteção implica uma definição de imunização da comunidade, segundo a qual a comunidade se dará a autoridade para sacrificar outras vidas, em benefício da idéia de sua própria soberania.

O vírus atua à nossa imagem e semelhança, apenas reproduz e estende a toda a população as formas dominantes de manejo biopolítico e necropolítico que já estavam trabalhando no território nacional.

Passamos da arquitetura da exclusão (leprosos e peste negra) ao confinamento do corpo. Temos dois tipos totalmente diferentes de tecnologias biopolíticas no enfrentamento da COVID-19. O primeiro, operando principalmente na Itália, Espanha e França, aplica medidas estritamente disciplinares que não são, em muitos aspectos, muito diferentes daquelas usadas contra a praga. Este é o confinamento doméstico de toda a população. A segunda estratégia, lançada pela Coreia do Sul, Taiwan, Cingapura, Hong Kong, Japão e Israel, envolve a mudança de controle arquitetônico moderno e técnicas disciplinares para técnicas de bio-vigilância farmacopornográfica: aqui a ênfase está na detecção individual do vírus através da multiplicação de testes e vigilância digital constante e rigorosa dos pacientes através de seus dispositivos móveis de computação. É a ação de um Estado ciber-autoritário para o qual a comunidade é uma comunidade de usuários cibernéticos e a soberania é acima de tudo transparência digital e gerenciamento de big data.